

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerent.—SABINO BAPTISTA.

ANNO II

Fortaleza, 1. de Julho de 1895.

NUM. 19

EXPEDIENTE

Assignaturas por um trimestre 2\$000
Numero avulso. 500
Pagamentos adiantados.

Por conveniencia de cobrança de-
xamos de aceitar assignaturas para o
interior e Estados por menos de um se-
mestre. O preço é porem o mesmo da
capital.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Pedimos aos collegas da imprensa
o obsequio de declararem a origem
das peças que transcreverem desta
folha.

Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao nosso gerente, a rua do
Major Facundo n. 4.

SUMARIO:—*Os quinze dias*, Moacyr Ju-
rena;—*A Maria*, Joaquim de Ara-
ujo;—*Da cidade ao sertão*, W. Cavali-
eranti;—*A Normalista*, Rodolpho
Theophilo;—*Contradecção*, Lívio Bar-
reto, Silhueta, A. Salles;—*Ballada
errante*, Sabino Baptista;—*Triste,
triste!*, Frivolito Catavento;—*Bibi-
ographia*, M. J.;—*Imprensa Littera-
ria*;—*Carteira*.

Vimos prestar nossas homenagens
à memoria de Saldanha Marinho e
Floriano Peixoto, os dous grandes
brasileiros ultimamente ceifados pela
morte.

Inteiramente alheios à politica, são
estas palavras apenas a expressão do
nosso pesar ao ver desaparecerem
do campo da luta dous grandes tra-
balhadores, dignos da gratidão na-
cional.

Os quinze dias

Foi de festa a quinzena.

Motivaram-nas os tres popularissi-
mos santos em honra dos quaes se
acenderam fogueiras, se queimaram
todas as qualidades do fogo de arti-
ficio e se dançou a valer desde a casa

do rio até o mais humilde casebre
das *acruas*.

Ha muitos annos que S. Antonio, S.
João e S. Pedro não recebem tão rui-
dasas e acaloradas provas da sympathia
popular.

Nessas tres noites a Fortaleza teve
o aspecto flamejante de um scenario
de magica e o ruído formidavel de
uma batalha.

De todos os pontos da cidade as pis-
tolas portavam *luzimões* de luz, si-
rauteavam *buseaps*, detonavam as
grandes bombas e as toqueiras, espo-
ravam *bochas*, rodopavam as *rodinhas*,
sabiam *balões* multicolores, enquanto
as piras tradicionais ardiam voraz-
mente a devorar o mamoeiro obaga-
torio.

Al! como deviam estar alegres o
Padre Nosso, que está no céu e o
ninho, o fogueteiro Padre Nosso que
estava em sua casa a despachar a fre-
guezia!

E que linda estava a Fortaleza a
nossa festiva e radiosa cidade, que,
independente dos fogos, é a mais linda
cidade do Brazil!

(Não conheço as capitães dos outros
Estados porque nunca embarquei, mas
tenho ido a... bordo, e todos os pas-
sageiros são contestes em confirmar
es a minha asserção.)

Pena é que alguns desastres pessoas
houvessem empanado o brilho das fes-
tas, desastres que não commoço para
não empanar o brilho da reputação dos
santos festejados.

Cumpre frisar aqui que a S. João
nenhum desaz pode advir desta falta de
vigilância pelos pobres morraes, pois
é sabido que o discipulo amado não
tem o gostinho de saber a quantas
anda...

Lá diz o *bendito*:

*Si S. João suberia
Quando era o seu dia
Desceia do céu a terra...*

Eu sempre queria saber que... (Deus
me perdoe!) que diabo via a fazer um
santo que está no céu, — onde não ha
cambio nem se paga al. gnel de casa —
neste mundinho que as santas es-
crituras chamam valle de lagrimas e
um dos nossos poetas alemã de *gas-
tao inferno*!

Semelhante desejo até *faz* desan-
mar nos chronicistas — esta de gente
predestinada ao céu ou sepa pela po-
breza de espirito ou pelo muito que

soffrem quando chega o momento fa-
tal de garantir as tiras que lhes con-
petem.

Si no menos a Padaria adhiressse
ao movimento *nephelibata*, a minha
missã tornava-se muito mais facil, da
si se tornava!

Não ha nada como a gente crever
o que lhe vem ao caso sem se preocu-
par de que o publico não goste ou
não pesque nada do que se escreve.

Descrevendo, por exemplo, um pas-
seio que eu fizesse a praia, com in-
tencões poeticas, entendasse — conta-
ria a cousa nestes termos:

O Mar estava azul como si em suas
aguas tolassem todos os olhos azues
das Onze Mil Virgens!

Eo cima o Céu era *tambem* azul,
estradado de cirrhus nevocjantes, como
si fossem os *camões* albinos desse
grande bebedo de luz — o Mar — a cam-
balar, a rolar sobre o seu grande
leito e a tentar polluir — o barbaço! —
a Visão do meu Sonho, a Hostia
feita de Lyrios macerados — crasso
Holophernos a prelibar o goso intenso
que a sua carne brutal sentiria a
carne da Carne espinosa e quente de
Judith.

E para longe, para além, para bem
distante, a *luz* da Noite se esmen-
cava gangrenada, violacea, a arder em
sede e a beber gota a gota o sangue
do Sol que ainda escorria dos alios tor-
reões de cumulos sanguinolentos, —
guilhotinas do Ocaso a pingar sangue,
a pingar sangue, a pingar sangue...

E a minha Visão começou a se utili-
zar, a se condensar, abejando na Tro-
va inversora a *cancione* da *Lumpha*
plumbea, muito branca e fina no ajus-
tamento escultural das dobras da tu-
nica em campainha invertida...

Al! era a minha alma de moço que
se debata, que torcejava para a'ar-se
inmune sobre os *vagalhões* devo-
rantes da Vida, a fronte angida pelos
Santos Oleos da Creença, o olhar lúmp-
pante da Alta Espiritualidade que a
atrahe para o Inaccessivel, para o
Sonho, para o Bosque Sagrado da
Meditação onde perlimpeiam os pe-
quenos estrellas ainda não marcadas
com o ferrão das classificações dos
sabios.

Alexios, *liber*amos do abyssmo
glauco, empresta-lhe algumas plu-
mas das *vossas* asas passagens para
que ella se gande a *Grado* (luz)
do Ideal e fique a pender do Asolamento
a Sagrada Columbia a precegar em

meu celebre maravilhosos Evangelhos da Arte e do Sentimento.

Bravos! Com um pouco menos de senso commun e um pouco mais de letras manuscritas eu dava um nephelibata de traz!

Não ha como o estilo nephelibata para fazer a gente encher tiras e tiras sem esforço e sem responsabilidade!

Nesse rojão em que eu ia era chapaz de encher *O Pão* da primeira a ultima pagina sem precisar do concurso de quem quer que fosse; e que figurão não laria o nosso orgão completando com a «Rio-Revista» e a «Thebaidas» a luminosa triade de pharões da Alta Espiritualidade!

Não isto não pode continuar! A Padaria precisa nephelibatizar-se ou, simplesmente, batizar-se no Jordão da grande Arte de Verlaine, na França, e de Alves de Faria e do Bodião de Escama, no Brazil.

Oa faz isto ou eu deserto e vou alistar-me entre os Romeiros de S. Thimo.

MOACYR JUREMA.

A MARIA

(SONETO DE J. L. CHERÓN)

*Morre a noite; no albor desponta o dia;
O dia esplende na sua luz dourada;
Cantam aves na murmura ramiada,
E as rouquias de estranha fantasia.*

*A aragem impregnada de ambrosia
Perpassa na campina descorada
Por tanta e tanta lagrima chorada
No rocio da noite em z e sombria.*

*O rio imerso em placida harmonia,
Como curva serpente prateada,
Corre do valle na melancholia:*

*Poesia eterna! misteriosa! alada!
Que é tudo e... na lá, no pé da melodia
Das síllabas do nome de Maria...*

Barcelona, 30, III, 1895.

JOAQUIM DE ARAUJO.

DA CIDADE AO SERTÃO

(CARTA A' PADARIA)

Dois mezes sem escrever e ja sinto mais pesada a penha do que a foice que nas horas frescas atiro com violencia, desapidadamente, sobre os marmelleiros e mufumbos que azeem a minha silaria vivendo de inverno.

E mais a ditria e triste agora depois que partiram para ali o Satyro e o Moacyr que, seja dito de passagem, nem poderiam aproveitar a amenidade do clima sertanjo.

A curta saulidade dessa doce e amena camaradagem me arrastou a mesa de escrever e sem plano concertado, sem nada preconcibido vou enchendo tiras, sentindo pesada a mão e no cerebro a morosidade de machina cuja pressão de calor ainda não chegou a maxima e por falta de combustível vai morosa e cansada diminuindo a velocidade.

Lembrei-me de narrar a peripecia da vida através invios caminhos, atoleiros e consequentes embaraços que os invernos rigorosos costumam criar aos viandantes, mas lembrei-me tambem que o Moacyr e o Satyro não perderiam occasião de narrar-as, tendo ido aliante, e eu iria repetir em linguagem líta e sem brilho o que elles já cantaram em fluente e calorosa prosa.

Entretanto, como desejo que fique registrada a nossa passagem pelo *Culminjuba*, peço espaço a *O Pão* e paciencia aos leitores.

Havíamos partido de Marangape sob o frio e incommodo agreste de importuno chovisco, e duas horas depois entre montanhas abruptas desviavamos as cavalgaduras da estrada real e tomavamos por um atalho que ia ter a *Culminjuba*, residencia do respeitavel ancão Major Jeronymo Honório de Abreu.

Este desvio foi determinado por uma convergencia de vontades de todos que iam a caravana e que desejavam conhecer os progenitores do grande cearense e illustre homem d'letras Capistrano de Abreu.

Eramos guiados por um amigo muito do coração—Misael Montesuma, um dos mais operosos e intelligentes creadores de nossos sertões e que, afilhado do Major Jeronymo, ia fazer a nossa apresentação e pedir-lhe a benção.

Do alto proximo a vistamos o açude e logo a casa alpendrada, fortemente construida de alvenaria de poltraabase, e o telheiro sustentado por vigas de lei, sem elegancia, dominando estreito horizonte mas com um certo ar senhorial que imprimia ao ar ambiente a impressão nostalgica de dominios feudaes.

Cavalheirosamente recebidos á porta do solar sertanejo, apaezino-nos tivemos ensejo de pastrar algum tempo com os donos d'aquella feliz mansão, onde o requinte da civilisagio ainda não foi perturbar o socco.

Physico vigoroso, olhar intelligente e penetrante de Major Jeronymo recebeu-nos como a antigos e conhecidos sustentando interessante conversas sobre o filho, falando d'elle com enthusiasmo e trazendo de cor tudo que delle se tem dito e guardando de memoria as epistolas intimas de Capistrano, falando sempre com cirinho da nora e dos netos.

Entre particularidades da vida do eminente historiador brasileiro, falou-nos elle de como revelou Capistrano sua inclinação pelas letras.

«A vida do campo é pesada e trabalhosa, diz-nos, mas acostumado a ella quera que meu filho fosse um homem trabalhador, e logo cêdo fisia-me acompanhar por elle quando tinha de ir para a labuta diurna: mas debalde o estimulava.

Em qualquer desuido lá estava elle á sombra das arvores a volta com os livros.

Afinal eu e minha mulher nos convencemos de que o rapaz não tinha amor á terra e o deixamos seguir o rumo de seu destino.»

Apontou-nos então um casebre onde o filho ia passando horas do serviço, ler os authors d' sua predileção, isolando-se do meio ruidoso que o cercava.

Transparecia dos olhos do Major Jeronymo e de sua virtuosa esposa D. Antonia, o orgulho intimo, a satisfação inexplicavel que só paes que tem filhos como Capistrano de Abreu podem sentir.

Em riso franco e sem affectação abraçaram-se então aquellas duas almas e cantaram com uma simplicidade adoravel as excentricidades do filho amado sobre distracções suas menores palavras incidentes mil reveladores do caracter do moço illustre que tão dignamente tem sabido honrar o nome de seus paes e á terra que o viu nascer.

Dem-nos por bem pagos da demora que em *Culminjuba* tivemos, quando mais não fosse por termos tido propria occasião de prestarmos justa homenagem de admiração ao filho nos presenças dos paes, e visitarmos o ninho onde a agua ensaiara seus primeiros vãos.

Despedidas feitas, cavalgamos em rumo do lugr que distava ainda de leguas.

O que se passou até lá que conte o Moacyr não esquecendo de me bandir de que quiz nos dar pousada á noite, que para honra nossa era portuguez e não filho dos sertões cearenses.

Depois descansamos na Cruz.

Convem consignar que essa Cruz, embora tenha perdido a forma typica do madeiro no lançar de suas tortuosas ruellas, não deixa entretanto ao viandante outra impressão que a do supplicio.

Ao Moacyr, que é deputado, vou lembrar a idéa, para ser transformada em projecto e este em lei, na proxima sessão do Congresso, de alterar-se o nome desse povoado para—*Via-Dolorosa*.

A alteração, creio eu, não poderá offender melindres religiosos pois nada tem de profana.

Da Via-Dolorosa á Cruz, como do Pantheon á Rocha Tarpéa, vai um passo e Christo o transpoz mesmo sem nunca ter viajado pela estrada que corta em meio a—Cruz do Lagedo.

E quando razões humanas não bastem para justificar a necessidade da mudança, razões bovinas a justificarão: todas as quintas-feiras por lá transitam em funebres marchas de condemnados os grandes bois que o ventre da Fortalera consome.

Até

20 de Junho de 1895

W. CAVALCANTE.

A Normalista

I

Sem vento de feição levou quasi dois annos para me chegar á mão este romance do Sr. Adolpho Caminha. Ninguém o conhecia no Ceará, nas livrarias não se encontrava-o e a imprensa da terra não disse palavra sobre elle.

E porque tamanho silencio sobre um livro de costumes cearenses e cujo autor cearense tambem é e já com meia reputação de litterato?

De tal mysterio só posso comprehender alguma causa depois que li o romance.

De posse do livro, que obtive por especial favor de um companheiro da Padaria li-o com grande interesse.

Pelo rotulo ficou inteirado de que as scenas que o autor descrevia eram todas patricias e algumas d'ellas, soube depois, passadas na Escola Normal de Fortaleza, onde era a esse tempo professor de Historia Natural.

Além d'isso trazia a primeira pagina o seguinte trecho de Basac, que estampado ali á guiza de prologo orientava o espirito do leitor sobre a feição do livro:

Une des obligations auxquelles ne doit jamais manquer l'historien des moeurs, c'est de ne point gâter le vrai par des arrangements en apparence dramatiques, surtout quand le vrai a pris la peine de devenir romanesque.

la o Ceará iniciara a escola realista no norte, talvez com mais fôrça do que o sul.

Um romance fundido nos moldes do naturalismo moderno, expurgado das obscuridades da Carne e da erotomania do Homem, pensar, e começar a leitura com a maior isenção do animo. Logo nas primeiras paginas vi com pesar que o autor se astartava do piano, desprezando o conselho de Basac, que a descripção da vida burguezia em Fortaleza faltava gor locui, que o esboço era imperfecto e que a acção seria delectuosa.

Um casebro de porta e janella na rua do Trilho, coberto de tuagem e com um piano na sala de visitas! O pineet no Sr. Caminha foi infiel logo no primeiro traço. Como historiador os costumes sacrificara a verdade a arranjos dramaticos e romanescos. O instrumento de musica era-lhe necessario la para uma passagem do romance e por-o na sala de um pobre amanuense, retirante e que nos diz viver mal a custa de seus setenta e cinco mil reis mensaes!

Mais fiel não foi o autor da normalista quando descreve o sertão no Ceará no periodo da secca de 1877. O quadro era por si só tão imponente que bastava expol-o aos olhos dos leitores para que elles se empanassem de agrietas.

Não precisava de colorido, dos tons alambicados da rhetorica para impor-se ao respeito dos espectadores.

Mendonça assiste ao aniquillamento de sua fortuna pastoril, luta no sertão até ver estrebuchar a ultima rez; perde tudo, e depois emigra para a Fortaleza, com a familia, não a pé, confundindo-se com os famintos no prestito da fome, mas todos montados e com os alforjes cheios de carne salgada e farinha.

Unde a naturalidade do tal facto? Emigrar em fins de Dezembro de 1877 a cavallo e com provisões de bocca!...

Quem assistiu a esse flagello terribilissimo chamado secca, a essa miseria que tudo avassala no espirito humano, diluindo honra, caracter, tudo enfim, não pôde deixar de contestar a observação do Sr. Caminha.

Mendonça depois de um insano labutar na salvaguarda de seus rebanhos, fugir em Dezembro, gordo e sadio, e não esperar pelo inverno de 1878 a começar em Janeiro!

No fim d'esse anno terrivel e mais teptivel ainda para os animaes do que para os homens, a raça cavallar quasi desaparecia do sertão.

A candal que desola do interior para a Fortaleza, anemica, estarrapada trespassando a ulcera, dava uma perfeita ideia da fome e da miseria em movimento.

tação. Nem uma cavalgadura desola na orrente!

No começo da secca, quando os canibos conservavam ainda uns restos de forragem secca, quasi poeira, ainda chegavam á capital cavallos mumificados, sem forças para carregar as figuras dos donos esqueloticos como elles e que mal podiam com a cangalha e o cabresto!... Muitos eram abandonados aos urubus, outros vendidos a cinco mil reis por cabeça e a menos no mercado!

E como em Dezembro, depois de mais de uma dezena de meses de um sol abraçador, que tudo tinha torrado, secando as fontes, reduzindo a terra cearense a uma immensa solfatara, Mendonça vindo dos extremos da provincia, de um sertão longinquo, encontrou forragem para as cavalgaduras de sua caravana?

Como vencea com legoas em cavallos magros e ruins sem uma graminha de forragem nos campos e quasi sem agua nas fontes?

Quando Mendonça atravessava essa formacha em algumas semanas, os fretesiros de governo, embora a provisão do milho e alfafa, aguardavam com a sua tropa de burros gordos a entrada de Janeiro para se pôrem a caminho temendo a travessia e a seolheira de Dezembro.

O Sr. Caminha sacrificou a verdade neste ponto por amor do romanesco, do dramatico.

Não seria mais natural, mais cearense, Mendonça lutar pela salvaguarda de seus haveres até perder a carne do corpo e a paz do espirito e depois desillapido do inverno de 1878 e sem mais recursos no sertão, emigrar, mas emigrar como todos os seus conterraneos, com a trouxa na cabeça e o bordão de peregrino na mão? Não seria melhor que a filha, uma menina de sete annos, calçada de aperguitas, com as faces vermelhas como camarão torrado, canibinhas a pé de estrada fora, do que montada em um selim de gancho em um pedree: chotão?

Esses e outros erros de observação ressaltam a todos os instantes do livro de Sr. Caminha.

Na candal que se deslocava dos sertões do Ceará para Fortaleza não tardou a peste a se aliar á fome.

Aquellas figuras esqueloticas que enchiam as estradas; aquellas mulheres escazeiradas, que traziam os filhos a chupar em vão os seios, murchas pelangas colladas nas costellas, contrastavam com os inchados, com os doentes de anazarca.

E que torturas a d'estes infelizes! A dyspnea que lhes cerrava a thorax n'uma constricção asphixiante não era devida a *elephantiasis*, como diagnosticou o Sr. Caminha, mas ás desordens profundas produzidas no organismo pela anazarca.

O autor da normalista assim se exprime na pag. 39:

Uma vez elle proprio Mendonça viu de perto a agonisa lenta d'uma mulher oppressada pelo elephantiasis: pernas inchadas, ventre inchado, rosto inchado, horrivel!

Essa inchação que tanto impressionou o Sr. Caminha, e que tão mal diagnosticou, não era symptomatica de uma lesão organica, mas o resultado de profunda dyscrasia do sangue, do estado de depauperamento em que se achava o organismo. Este phenomeno pathologico começava pe a magreza extrema e acabava pe a heolita obesidade. A pobreza

da alimentação reduzia o corpo ao esqueleto, consumia todo o material de reserva, e depois eram as carnes substituidas pela agua, que deixava de ser eliminada em tempo pe'a epidemie physiologicamente desorganizada e pe'os rins tambem enfermos!

A mucosa do appareho digestivo quasi cortida pe'o acidotico da mucina, mal absorvia o necessario á conservação da vida.

Suppor que as centenas de individuos que durante a secca, inchados como odres enchiam as estradas do sertão e as ruas da Fortaleza, eram *doentes de elephantiasis*, revela aenhum conhecimento de pathologia, cujas noções são indispensaveis ao bom escriptor naturalista.

O Sr. Caminha podia ter evitado esse erro, mesmo essa decepção se tivesse consultado qualquer diccionario de Medicina. Um escriptor criterioso não aborda uma questão sem ter o necessario preparo. Não sei que semelhança achou o autor da *Normalista* entre aquellas enfermidades!

Leia o Sr. Caminha alguma coisa sobre *elephantiasis* e depois ha de concordar que a sua sciencia medica é fossil, mas fossil da epoca paleozoica.

A caravana de Mendonça affrontando todos os perigos em uma jornada longa, vencendo mesmo obstaculos superiores á fôrça humana, chegou á Fortaleza sã e salva, cavalgando corseis, que resistiram uma travessia de cem leguas sem ter forragem em que pozessem a bocca e ainda assim tinham forças para entrar na capital a choto largo!...

A esforçada caravana antes de chegar ao porto do destino, com bom pronomeo, santelmo de bonança na vida que se ia desdobrar agora nos abarracamentos do governo, avistou o campanario branco da igreja do Coração de Jesus.

Nem os alleceeres d'este templo se haviam cavado ainda!... A Sr.^a Baroneza de Aratania tinha, é verdade, essa igreja em mente, mas o local n'esse tempo nem estava escolhido! E assim são as observações do Sr. Caminha.

Mendonça havia resistido a todas as provações no longo e penoso calvario de sua aldeia á capital e pisava as brancas areias da Fortaleza vigoroso e sadio!

A dissolução moral, que travava tudo em sua grande voragem, a honra, o caracter, todos os sentimentos de piedade, enfim, elle havia escapado *sem perder uma gota do puro sangue portuguez que lhe corria nas longas veias azues, destilado!*

Romanesco e por de mais dramatico é esse typo, digno mais das contos de fadas, com todos os attributos do maravilhoso do que de uma pagina realista.

Mendonça atravessa com a familia um sertão inundado pe'a lava, *muito a fôrça no escoteiro que encontra, textuado* não é atacado pelos ratos antes mortos d'elles no delirio famelico, embora pendem das garupas de suas cavalgaduras alforjes cheios de matimeitos, e sadio e energico chega a terra da Promissão!

No dia seguinte ao da sua chegada a capital Mendonça perde a mulher, que falleceu victima de uma syncope cardiaca em consequencia talvez d'esse chato do pedree em uma viagem de cem leguas?

Apercebido pe'a este chato a tempo, de candal e absolutamente sem recursos lembrou-se de aproveitar as suas forças de touro e virgato dos seus aquartan an

nos nos seringas do Amazonas. Faria fortuna de certo; demais, levando como auxiliar seu filho Casemiro, rapaz forte que havia chegado á Portaloza, tão sadio como se viesse do atravessar o sertão em tempos normaes e no saudavel mez de Junho.

A resolução de Mondonça era magnifica, mas havia um impedilho: a sua pequena Maria, que ainda precisava dos cuidados maternos. Devia deixá-la, mas com quem? Lombrou-se afinal do padrinho da filha, o seu amigo e compadre João da Matta, o amanuense que morava á rua do Trilho, noasebre do piano.

Mondonça procurou o compadre que o recebeu bem e aceitou a tutela allhada.

O retirante na vespera da viagem entregou Maria ao padrinho e deu a ella n'essa occasião peças de chita, rendas, bordados, fitas, bugingungas, phantasias, tudo bom e uma maleta americana (textual) que não parecia presente de um homem desiludido e sem dinheiro como discreve o Sr. Caninha.

RUBEN DE SEABRA.

Contradição

Nem vale a pena contar
Um profundo pensar!

Viver de are que doideja
Preenche dentro de uma igreja.

Pois, imagina, senhora,
Que eu prefiro a noite á aurora.

Mais: prefiro ás noites bellas
Com seu rosario de estrellas.

As longas noites trevosas
Profundas, silenciosas.

E nem te reuses piedade
A minha agreste verdade!

Pois se és tu minha alegria
E eu não te vejo de dia:

Se pelas noites de luar
Nunca te posso fallar:

Prefiro a treva sem fim
Pois tenho-te junto a mim.

E se mais cedo me deito
Mais te tenho junto ao peito.

Para isso bruto-me então
Abrir o meu coração.

Pois se da desgraça o acóite
Devo a luz que me illumina,
Por ti em marro de dia
E renuncio de noite.

1893. LIVIO BARRETO.

(Do livro — Dolentes).

Silhueta

O nosso prezado amigo Bruno Jacy dirigiu á Padaria uma deliciosa carta em que pinta com muito chiato e verdade as desvantagens, que traz uma estrada de ferro ás localidades, que lhe ficam á margem.

Essas desvantagens são de ordem puramente moral, está visto, e consistem na ridicula macaqueação dos costumes e modas da capital, que, pela facilidade e presteza da viagem, é assiduamente frequentada pelos habitantes dessas localidades.

De tal frequencia resulta notavel modificação na individualidade do matuto, cuja primitiva casca-grossa se desunta de um pracionismo insupportavel.

Não venho porém adduzir novas observações ás já feitas por Bruno Jacy.

O que pretendo é descrever um typo de pracionio, que se compraz em armar no effeito quando se achá em terra matutta.

Logo que esta creatura se apeia do trem, arvora no léqu um ar de superioridade que um sorriso da desdem, entoeza o corpo, accende um charuto e vai fazer uma exhibição pelas ruas.

A sua attenção converge logo para os letreiros das vendas e fabricas que são commentados em alto e bom som, entre gargalhadas rematadas necessariamente por esta exclamação:

—E' enorme

O nosso pracionio não se cansa de estabelecer parallelos entre as cousas da localidade em questão e as da capital, achando aquellas muito mais baratas do que estas — desde o aluguel de casa até as bananas — isso com o fim de gosar assombro dos circumstantes.

Faz observações em voz alta sobre a belleza ou fealdade das moças que encontra á janella, troça-as pelo facto de terem fingido que o não viram, e volta-se para ver se o estão olhando pelas costas.

Si tem de trocar palavras com algum funcionario publico, torna-se exigente, arrogante e irritadoissimo diante de qualquer embarço.

Si tem de tomar qualquer bebida, não se dispensa de lamentar a falta de gelo e de certas marcas que prefere.

A escuridão das ruas apavora-o: — Que horror! Não sei como se anda de noite nesta terra! E' de espedar-se a gente por essas calçadas!

Achando-se numa roda engru-sa a valer, refere-se a uma pessoa importante — que só conhece de vista — como si fosse o seu mais intimo amigo e declara-se testemunha presencal de acontecimentos notaveis e figura, integrante de episodios, que lea nos jornaes.

Não se cansa de gabar a pureza do ar, a salubridade do clima.

—Aqui respira-se! Oh! aquellos ares da capital são uma morte! Aqui enche-me o pulmão de oxigenio.

Pronunciando origin-o o pracionio dá ao r um exagerado som de k.

E começando a falar da capital alonga-se em commentarios sobre os seus habitos desde a maneira como se porta

num baile até a qualidade das meias que usa.

Si acontece-lhe ouvir a musica da terra o nosso homem tem frouxa de gargalhadas e pergunta si aquella é a musica de Sant'Anna.

Está claro que ante esses modos pedantescos, os sensatos e simples burguezes das localidades tomam-se de tedio pelo typo a quem tratam de bo-uco, borra-borra, peregrino a outros de-denhosos qualificativos.

Infelizmente, para apoiar-o e applaudir-o, tem o enfiado ludambulo aquellos mesmos typos do Bruno Jacy, os quaes não hesitam em ludibriar a sua terra para não passarem por papalvos e retrograds.

Estes fritzmickisidos matutts tornam-se inseparaveis do nosso heróe e com elle se congratam para cobrir de ridiculo as ingenuas e pittorescas usanças que acham incompativeis com a civilização.

E levam-n'o a toda a parte — aos passeios pelos sitios proximos, a reuniões familiares, a bodas e a baptizados, onde elle exhibe superiormente a sua vistosa chatelaine de aluminio e o seu bigode de guins perfurantes.

E o homenzinho convence-se de que com effeito ninguém é propheta em sua terra, ante as provas de consideração que se lhe dispensa e que elle recebe com ares de quem está muito acostumado aquillo.

Entretanto nem sempre é assim. Não ha muito tempo, do passagem por certa localidade, dei de cara com um sujeito que eu conhecia de perto e que de perto conhecia os meus queixos por tel-os muitas vezes escañhoado a algumas vezes retalhado.

O tal Fígaro, que estava na terra o que se chama — numa ponta unica — desconcertou-se um pouco, mas, readquirindo a presença de espirito, perguntou-me no tom da mais jovial familiaridade:

—Olá! Por aqui? Como vaes? Um tanto embatueado, respondi-lhe, que bem, muito obrigado, como estava a familia etc., etc.

E só não lhe perguntei tambem como estavam a tesoura e as navalhas, lembrando-me de que, a proposito de qualquer cousa, havia-me dito uma vez — o bravo rapaz, enquanto ensaboa-me a veronica, que — quem tem vergonha, não faz vergonha.

Ingá, Maio, 95.

A. SALLES.

Triste... triste...

(Ao ROBERTO D'ALENCAR)

Bertha, aquella meiga e gentil moçeta que tinha no doce olhar uma suave melancholia, parecia guardar secretamente, sem uma palavra de revolta, uma eterna e pungente mágoa.

Desde que a conheci trago o espirito preoccupado por aquella imagem de mulher ciliada por uma dor atroz.

O acaso fez-me conhecê-la de perto e logo comeei minhas investigações sobre seu passado.

Soubes que nasceu num logarejo dos longinqua sertões de minha terra, lá onde ainda não chegou a luz da civilização.

lisação, e cresceu-se em casa de um bondoso velho que a encontrou ao desamparo. Quando começou a balhar as primeiras palavras os carinhos do pai adoptivo augmentaram, porque o velho descobriu que ella era intelligente e vivaz; e a proporeção que ia crescendo a intelligencia tomava voos altaneiros, revelando que aquella creatura viera ao mundo tadeada para altos destinos.

Logo que attingiu a idade necessaria para aprender a ler o velho não poupou esforços e fel-a entrar para uma casa de educação.

Ahi estudou muito e conquistou sympathias e applausos de mestres e condiscipulos; mas os entusiasticos applausos com que era saudada não tinham o poder de fazel-a alegrar-se.

Diu a dia accentuava-se mais sua tristeza e seu corpo debilhava, tornando-a um ser quasi ideal, que o leve sopro do vento podia levar para muito longe.

Pouco a pouco foi perdendo a rosea cor do lindo rosto, e em breve perdeu a força, se deixando vencer por uma molestia incuravel, phthisia pulmonar, até que a morte levou-a para as regiões desconhecidas, apunhalando assim o coração amantissimo daquelle bondoso velho que a estimava como um filho affectuoso.

Ceará—Junho de 95.

FRIVOLINO CATAVENTO.

Ballada Errante

*Boia o luar no espaço tristemente
enquanto alem, a soluçar murmura,
ouga canção nostalgica e dolente,
doce voz de mulher celeste e pura!*

*O meu amor foi se embora
para nunca mais voltar!...
Ai, como saudosa agora
eu me lembro a suspirar!...*

*Ai, como saudosa agora
eu me lembro a suspirar!...*

*Vai alta a noite; pela immensidade
branco o luar dormente se beanta;
ao longe tate o angido de saudade
terna voz de mulher soluça e canta:*

*Saudosa e sempre a seimar
ru rios ch'ra de dor,
porque em noite de luar
foi-se embora o meu amor!...*

*Porque em noite de luar
foi-se embora o meu amor!...*

*Calma e tranquilla dor se a Natureza
sob o pallio da lua bonançosa;
quebra o silencio apenas, na decerza,
doce voz de mulher, triste e saudosa*

*O meu amor anda ausente,
nas outras bandos do mar,
e eu cientis sabidamente
dia e noite a suspirar!...*

*E eu rizo tristemente
dia e noite a suspirar!...*

*Silente a brisa, nem sequer agita
as cordas frangas de arvores rapadas,
e se perde na noite erma, infinito,
aquella voz sempre a gemer balladas*

*Que venturo, e que alegria
quando o meu amor voltar!...
Vou me embora, porque o dia
já tem perto... foi-se o luar!...*

*Vou me embora porque o dia
já tem perto... foi-se o luar!...*

Alto da Bonança, Junho—1895.

(Do livro *Vagas*)

SABINO BAPTISTA.

Bibliographia

Os pescadores da Tahyba, poema por Alvaro Martins. Imp.—Cunha Ferro & C.^{as}—Fortaleza.

Foi com verdadeira anciedade que folheámos este livro de Alvaro Martins, conhecido poeta cearense.

Nelle encontramos as qualidades predominantes do autor—espontaneidade e sentimento—qualidades apreciáveis e que são as columnas da sua reputação litteraria.

Quanto não seja um artista imprecavel do verso, o autor dos *Pescadores* ver-seja com rara facilidade e sabe tirar bellos effeitos da linguagem das Musas.

Ha trechos encantadores no poema, muito embora ao par do descalhadas que o talento do autor poderia ter evitado.

O retrato do Zé do Mar é delicioso:

*«Zé do Mar é o pescador
Mais novo do povoado:
Porte rude, olhar banhado
De audacioso fulgor.*

*«Os seus braços callojados
Pelo cordão das velas
Como que foram talhados
Para lutar com procellas»*

Pena é que haja no livro incongruências como aquellas grámas que cantam nos coqueiros à noite e quadras como esta—

*«A branca noiva que goiva
Do mar o tumido flanco
E branca como um vao branco,
O branco vao de uma noiva,*

onde ha o verbo *goiva*, que não conhecemos, e um jogo de palavras de um mau gosto evidente.

Isto quanto à forma do poema; quanto ao fundo, temos a dizer que a concepção não é nova porquanto conhecemos diversos trabalhos litterarios tendo por assumpto tragedias maritimas como a que se descreve nos *Pescadores da Tahyba*.

Lembramos entre outras *O Pescador da Ilanatia*, o qual, por mais de um motivo, nos pareceu ser suggerido a obra de Alvaro Martins.

Temos ainda a observar que a imaginação do poeta trabalhou bastante

para fazer de Tahyba o «lindo povoado» que nos descreve.

Diz o Sr. Pedro Moniz na sua cartaprefacio que lhe parece ver «este lindo povoado de pescadores», com sua «capelinha branca etc».

Ora saiba o Sr. Muniz que foi victima da fantasia do seu amigo—Tahyba não é tal um «lindo povoado», nem mesmo um simples arrabal de pescadores—mas apenas uma unica moradia que serve de rancho aos viajantes.

De capella não ha nem alluceces...

Porém, que fica algumas leguas aqum de Tahyba, é que é um pobre arrabal quasi todo de palha e cuja capella parece tanto com a que Alvaro Martins descreve como a de S. Luiz do Oiteiro com a igreja do Coração de Jesus.

Nem o Sr. Moniz procure em nossas praias uma capella nas condições da do poema, porque dessas só ha... na Islandia.

Tahyba, repetimos, é um simples rancho, e visto que o poeta estava disposto a fantasiar e não a copiar do natural, seria melhor que inventasse tambem um nome para o theatro do seu poema, que nem por isto deixa de ser um trabalho digno dos applausos que francamente aqui lhe damos.

Junho 1895.

M. J.

Imprensa Litteraria

«REVISTA LITTERARIA»

s. paulo.

Muito bem feitos os ns. 10 e 11, do qual destacamos o e into—*Os porcos do Affonso*, do Firmo Penha, o o 2.^o soneto do *Sonetario* de Amadeu Amaral.

«REVISTA LITTERARIA»

goyanna.

Variado, interessante e bem impresso o n. 3.

«REVISTA»

6.^o numero. Summario abundante e selecto. A *Volta ao lar* é um mimo descriptivo de Antonio de Oliveira.

«A RENASCENÇA»

Bem elaborados e bem impressos, como sempre, os ns. 28 e 29 da interessante revista bahiana.

«A RENATA»

Esplendido o n. 84. Muito bem feita a chronica sobre o grande actor Novelli.

Merece referencia á parte pelo vivissimo realce com que se destaca, o *Sonho de um abito* de Eschagnolle Tannay, adorado trecho de prosa finamente observado e magistralmente escripto.

Na terceira pagina depara-se-nos a sympathica veronica do Max Pleinza a cuja

panhada de rapida biographia... na historia e na legenda.

Comquanto não fosse precisamente essa a cara que imaginavamos ter o Max, nem por isto soffremos decepção: — até o suppunhamos mais feio...

O que duvidamos é que em frente dessa effigie possa qualquer physionomista dizer no futuro si elle foi Max, o Crú, ou Max, o Bom...

«REVISTA BRASILEIRA»

Muito interessantes os fasciculos 10 e 11, sobretudo este ultimo, que traz as respostas dada por diversos deputados, jornalistas, publicistas etc á interrogação que lhes fez o director da *Revista* a respeito do meio de resolver mais prompta e satisfatoriamente a questão do Rio Grande do Sul.

Muito curiosa a historia de *D. Isabel Gramson*, por D. S. Ferreira Pena.

«REVISTA D'HOJE»

Recebemos o n.º 4 desta bella revista que se publica no Porto sob a direcção de Julio e Raul Brandão.

Verdadeiramente escolhido o summa-rio, do qual destacamos o artigo *Dramaturgia*, de Armando Navarro.

Si o collega tivesse a gentileza de mandar-nos os seus tres primeiros numeros e continuasse a retribuir a visita que pontualmente lhe fazemos...

«O CENACULO»

É este o titulo de uma revista mensal que começou a ser publicada na capital do Paraná sob a direcção do Dario Velloso, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

Boa prosa de Julio Pernetta e dous bellos sonetos de Emilio de Menezes destacam-se nestes dous numeros, onde aliás se encontram outros excellentes trabalhos e aos quaes acompanham, em folha solta os retratos dos Drs. Cyro Velloso e Ermelindo Leão.

REVISTA PORTUGUEZA

Pomos mimoseados com o 2.º fasciculo desta revista da qual é director Joaquim de Araujo, nosso correspondente em Genova.

Muito brilhante o summa-rio do presente n.º, collaborado por alguns dos mais notaveis litteratos portuguezes.

Continua a publicar a serie de *Cartas a João de Deus* de Anthero do Quental e os *Poemas humoristicos em prosa*, de Gomes Leal.

«D. QUIXOTE»

Primosas as illustrações do n.º 19, sobre tudo as das duas paginas contraes: bellissimo quadro representando o glorioso patriota Saldanha Marinho no seu feito de morte, sobre o qual a Patria Brasileira, chorosa e coberta do crepe, depõe uma corôa.

No canto das referidas paginas, ao alto ha um bello retrato do grande morto.

«REVISTA ILLUSTRADA»

O n.º 696, que temos á vista, traz na primeira pagina, o retrato do deputado Dr. Gonçalves da Silva, fallecido ultima-

mente, e nas duas paginas de dentro um outro em ponto grande e perfeitissimo de Saldanha Marinho.

A todos os collegas *O Pão* agradece penhoradissimo as suas visitas, que retribuirá gostosamente.

REÇADOS

Um individuo que não sabemos quem seja, porque não assigna o nome, nem usa de pseudonymo ou iniciaes, achou que devia aproveitar uma noticia que deu no *Correio Paulistano* sobre o livro *Ritual*, de C. Macedo, para attirar-nos uma pindasinha tão gratuita quão semsaborosa e pouco delicada.

Lembramos a esse inimigosinho desconhecido que isso de andar se occupando comnosco, mesmo para dizer mal, dá em resultado não só divertir-nos como tambem tornar-nos ainda mais conhecidos do que somos.

Não são essas picardias que pedem abalar os creditos firmados pelo nosso esforço honesto e inquebrantavel.

O que apenas sentimos é que o critico do *Ritual* nos appareça pelas columnas do *Correio Paulistano*, folha a quem devemos as maiores provas de sympathia.

Quanto ao mais, pode continuar que não nos incommoda; antes pelo contrario...

CARTEIRA

COM «A THEBAIDA»

Estava prompta para entrar no prelo a nossa folha quando nos chegou ás mãos o 1.º numero da *Thebaida*, revista nephelibata da Capital Federal.

Um sr. *Pedro, o Eremita*, sobaepigrapha de *Barbaros*, com a basofia peculiar aos Romeiros,romeiros muito parecidos com os de Lourdes, pelas masellas que exhibem, faz côro com o Sr. Alves de Farias e outros alarves que perdem o sonno com os triumphos da Padaria Espiritual.

Essa infructifera campanha de depreciação, conquanto desleal e grosseira, não nos choca absolutamente porque é movida unicamente por individuos cujas opiniões não têm cotação no mercado litterario.

Essa pobre gente anda obsecada pela idéa de que os seus bisarras processos litterarios—ansios de idéas e impantes de adjectivções rebuscadas—são os Mandamentos da Arte, quando elles não passam de desgraçados artificios a que só se soccorrem os rachiticos, os nullos, os incapazes das largas e sanas concepções, perfeitas na sua extrema simplicidade.

Falta-nos tempo e espaço para uma analyse da *Thebaida* e para uma resposta em regra ao tal Eremita.

Bruno Jacy encirregou-se de fazer uma coisa e outra para o nosso proximo numero e esperamos que elle se desempenhe da incumbencia com a pericia que tem para estas cousas.

Atte. ls. senhores estradeiros do S. Thago.

E que nos perdão o publico o tom um tanto acrimonioso destas linhas que aliás não são aggressivas como as que os motivam:—esses decadistas de meia tigella sempre que discutem arrepanham a tunica de romeiros e deixam ver o paletot sovado e gorduroso de capadocios.

JOAQUIM DE ARAUJO

Este nosso eminente consocio, consuel portuguez em Genova, acaba de ter um justo galardão de seu bello talento poetico:—na Exposição de Napoles, por decisão unanime do respectivo jury, foi premiado com medalha de ouro o seu livro de versos *Flores do Noite*.

Foi igualmente premiado o Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, que com o maior desinteresse fez imprimir a sua custa, para ser distribuida gratuitamente, a bella edição polyglotta de *Zoro*, sob a vistas de Joaquim de Araujo, irmão da desventurada moça, que deu assumpto ás duas estrophes de Anthero do Quental.

E a proposito de Joaquim de Araujo, desvanecemos-nos em communica-ção aos nossos leitores que fomos mimoseados com tres primorosas traducções inéditas do inspirado autor dos *Flores do Noite*.

A *Maria*, que é uma dessas traducções, torna hoje as nossas paginas.

Receba Joaquim de Araujo os nossos sinceros agradecimentos por esta prova de attenção que tão gentilmente nos dispensa.

JORNAL DA TARDE

Com o titulo acima apparecerá brevemente n'esta capital uma folha diaria de que é proprietario o distincto cavalheiro José Olympio e director o intelligente e operoso moço Tiburcio de Oliveira. — o que nos faz esperar que seja um jornal bem feito, adiantado e na altura dos progressos de nossa terra.

PHENIX CAINEIRAL

Passou no dia 24 de Junho do o 4.º anniversario desta sympathica associação, e passou em a commemoração festiva do costume por ter fallecido recentemente um dos seus socios. Cumprimos a Phenix.

OLIVIO GERVASIO

Mais uma grande perda para as litteras portuguezas — a morte do brilhante chronista e espiitioso comediographo Gervasio Lobato.

Juntamos nossas homenagens as que a imprensa brasileira tem prestado á memoria do prantado escriptor.

FRANCISCO PIRES FERREIRA

Ao nosso presado consocio Carlos Porto Carreiro pelo fallecimento do seu tio e sogro, o respeitaval ancião cujo nome encima estas linhas, enviamos pesames.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará approvados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Univesal Columbia na de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago: — Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões dificeis, azias, flatulencia, peso de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: — Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebações do systema nervoso: — Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos, das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, chlorose, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATOS DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra afecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gotoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSAPARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI-ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRHA-

GICA. Cura em pouco tempo blenorragias recentes ou chronicas.

POUS DENTIFRICOS. Alvejam e conservam os dentes e perfumam a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

89—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Jóias de ouro, **brilhantes** e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algaribeira, ingleses, americanos, suíços etc, etc, **Relógios** para paredes e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetas** superiores de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desjar.

Vendas garantidas, preços ao n.º competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Phenix Caixeiral

Este novo importante estabelecimento, reaberto sob a gerencia de Heraclito Domingues, é hoje a primeira casa de modas e phantasias desta capital.

Dispõe de um magnifico e variado sortimento de tudo quanto a industria europeia, tem inventado em elegancia, luxo e arte, e adoptou o seguinte programma: Vender barato e a dinheiro.

54. RUA MAJOR FACUNDO 54.

STAMENET UROPEU

Artisticamente montado com o mais esmerado gosto e asseio, garante boa mesa e preços modicos.

Promette-se a maxima promptidão no serviço e a mais principesca delicadeza.

PROPRIETARIO,

Mancel Pereira dos Santos.

108 B Rua Formosa 108 B

Preparados Medicinaes

DO PHARMACEUTICO

JOSÉ ELOY DA COSTA

Approvados pela Inspectoria de Hygiene

Pilulas contra vermes

Para expellir completamente os vermes intestinaes ou lombrigas das crianças e adultos em poucos dias. As unicas do effeito seguro e rapido. Já são purgativas, dispensando assim qualquer purgante. AS PILULAS CONTRA VERMES pelo seu gosto, pela sua formula impõe-se especialmente na medicação das crianças.

Pilulas estomacenespurgativas.—São de grande efficacia nas Dores de estomago, Dyspepsias, Gastrites, Falta de Appetite, Gastralgias, Nauzeas, Dores de cabeça, Prisões de ventre, Indigestões, etc.

Essencia de salsa parrilha.—E' o purificador mais ENERGETICO DO CEARÁ. Cura radicalmente as molestias provenientes da fraqueza, impureza e falta de nutrição do sangue—Syphilis, Rheumatismo syphitico, Boubas, Ulceras venereas, Dartros, Impigem, Sarnas, Gomas, Cancros, etc., etc.

Mistura ante-blenorrhagica ou Injecção Mendes.—Cura rapidamente blenorrhagias recentes ou chronicas.—CURA CERTA EM 3 DIAS.

Goltas odontalgicas.—Preparação com posta de diversas substancias balsamicas, produzindo instantaneamente a cura das mais fortes dores de dentes.

Pós para dentes.—Além de agradaveis, promettem pelo seu uzo continuado um completo asseio da bocca e dos dentes, conservando a estes a sua coloração natural, trasendo a bocca em constante limpeza, prevenindo as caries dentarias e as molestias.

Xarope depurativo de cascas amargas de laranjas e iodureto de potassio.—Applendocum vantagem contra o Rheumatismo e as diversas affecções syphiliticas.

Elixir anti-syphilitico de cajú.—Especifico contra as molestias de pelle.

Xarope de bromureto de potassio e cascas amargas de laranjas.—Applicado com successo nas molestias do coração, das vias digestivas, da respiração, na epilepsia e nas insomnias das crianças durante o periodo da dentição.

Tinta preta e indelevel para marcar roupa.—Acompanha um vidro mordente para preparar o panuo que se quiser marcar.

Vinho de cajú.—Já conhecido e acreditado. Não é nocivo a saúde e substitue nos vinhos vindos do estrangeiro

Todos estes medicamentos se achão a venda na PharmaciaTheodorico de JOSE LOY DA COSTA—RUA MAJOR FACUNDO 66—FORTALEZA.

DROGARIA CENTRAL de Guilherme Rocha & C.^a e na cidade do Crato na casa commercial de POSSIDONIO PORTO & C.^a.

CONFUCIO

Casa fundada em 1881

Endereço telegraphico--CONFUCIO--Telephone n. 11

31—Caixa do Correio 31

Confucio Pamplona & C.^a

Proprietarios

Especialidade de artigos para o uzo domestico desde a sala de visitas à cozinha, ou qualquer aposento, se encontra neste estabelecimento: objectos de applicações indispensaveis e uteis como: Pianos, Fogões, Mobílias, Espelhos, Tapetes, Crystaes, Louças e Vidros, Fazendas e artigos de Modas, Trens para cozinha, objectos para escriptorio, alcovas, gabinetes, banheiros, jardins, salões, hotéis, cafés, restaurantes, Igrejas, navios, chacaras, chalets, clubs, etc., etc.

Candieiros, brinquedos para crianças, objectos para presentes e bebidas finas.

Mobilia-se uma casa em duas horas

Importação directa da —França, Inglaterra, Alemanha, Belgica, Portugal e Estados-Unidos da America do Norte

RECEBE CONSIGNAÇÕES

Tem correspondencias para todos os Estados da Republica

Deposito de objectos para viagens, e agencia de charutos, chá fino e artigos de novidades

59 e 61—Rua do Major Facundo—59 e 61

CONFUCIO

VENDA EM GROSSO E A RETALHO

—FORTALEZA—

Oliveira Rola

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça de Ferreira, 20

Telephone 28

Typ.—STUDART—Rua Formosa n. 16.